

Ariovaldo Zani
é médico veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade/ABPA;
Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/SENAI SP;
Membro da Comissão Estadual do Agronegócio do Conselho Regional de Medicina Veterinária/CRMV SP

VOLUME CRESCE! RENTABILIDADE ACOMPANHA?

De acordo com o Sindirações, a indústria brasileira de alimentação animal produziu aproximadamente 45,2 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2026, ante 43,3 milhões no mesmo período de 2025. O crescimento de 4,2% alcançou todos os segmentos acompanhados, com maior contribuição da avicultura de corte e da suinocultura. A expansão, entretanto, convive com pressões sobre a remuneração dos produtores, mostrando que o avanço dos volumes nem sempre se traduz em maior rentabilidade.

As rações para frangos de corte somaram 19,9 milhões de toneladas, contra 18,9 milhões em 2025, alta de 5,3%. O acréscimo de aproximadamente um milhão de toneladas foi a maior contribuição absoluta ao crescimento setorial. A atividade respondeu por cerca de 44% da produção total de alimentação animal no semestre. As exportações ajudam a contextualizar esse desempenho, já que os embarques de carne de frango superaram 2,9 milhões de toneladas e crescimento de 12,9%, (de acordo com ABPA). e estabeleceram recordes para o primeiro semestre, favorecidos pela diversificação dos destinos e, em parte, pela comparação com uma base afetada pelas restrições sanitárias de 2025.

Na postura, a produção de rações avançou 1% e atingiu aproximadamente 3,8 milhões de toneladas, ante 3,7 milhões, muito embora os indicadores posteriores ao semestre apontam razoável dificuldade em relação ao poder de compra do produtor de ovos frente ao avanço nos preços do milho e do farelo de soja, ou seja, a desvalorização dos ovos e o encarecimento dos insumos levaram as relações de troca aos menores níveis reais dos últimos anos.

Na suinocultura, a produção de rações passou de 10,6 milhões para 11,2 milhões de toneladas e avançou 5,4%, impulsionadas pelas exportações de carne suína que somaram mais de 794 mil toneladas, alta de 10% (segundo ABPA), muito embora, a expansão do plantel e os ganhos de produtividade elevaram a oferta além da capacidade de absorção dos mercados. Em consequência, o preço do suíno foi bastante pressionado, comprometendo assim as margens dos produtores independentes.

Na bovinocultura de corte, a produção de rações alcançou 2,86 milhões de toneladas, ou 110 mil toneladas à mais daquelas produzidas no mesmo período de 2025. Importante salientar que a maior retenção de matrizes, sinalizada a partir do segundo semestre, inclusive sustentada em setembro pela queda de mais de 30% no abate de fêmeas sob inspeção federal, altera as perspectivas da atividade, pois a menor oferta pode sustentar a arroba do boi gordo e pressionar as margens dos frigoríficos. Importante também ressaltar que a alta na ocupação dos cochos consolidou a virada do confinamento a partir de junho e essa tendência de forte recuperação estratégica para o segundo semestre tem sido validada pelos relatórios de mercado de diversas instituições especializadas.

A mudança do ciclo bovino não implica necessariamente queda proporcional da demanda por alimentação industrializada e pode, inclusive, ser compensada por conta da retenção de matrizes com necessidades de suplementação reprodutiva, enquanto os preços da reposição, do boi e dos ingredientes acabam por influenciar a recria, a terminação e o confinamento. Ou seja, o resultado dependerá das pastagens, das estratégias nutricionais e da viabilidade de cada sistema.

Na bovinocultura leiteira, a produção de rações cresceu 1,8% e contabilizou 3,8 milhões de toneladas, apesar das pressões sobre a rentabilidade dos produtores, sobretudo por causa das importações de leite em pó oriundas da Argentina e do Uruguai que prejudicam a produção doméstica. Essa compressão das margens que limita investimentos e pode até comprometer a permanência de produtores na atividade requer ações voltadas às soluções nutricionais que melhorem o retorno por litro produzido.

Na aquicultura, a produção de rações cresceu 5,4%, alcançando aproximadamente 940 mil toneladas. Por sua vez, os alimentos para cães e gatos avançaram 1% e superaram a marca de 2 milhões de toneladas, enquanto as rações para equinos atingiram cerca de 470 mil toneladas.

Em síntese, o balanço revela expansão da indústria brasileira de alimentação animal, todavia inserida em cadeias produtivas de proteína animal com desafios econômicos diferentes, já que os recordes de exportação coexistem com sobreoferta na suinocultura, declínio das relações de troca na postura, mudança do ciclo bovino e da concorrência dos lácteos importados.

O esforço deve concentrar-se na combinação da eficiência nutricional, planejamento comercial e da gestão financeira para que o crescimento da produção garanta resultados sustentáveis. ■